

JAZZ

3 OUTUBRO 2017

CICLO "ISTO É JAZZ?"

COMISSÁRIO: PEDRO COSTA

# OKER

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

***Culturgest***



Guitarra Fredrik Rasten Trompete Torstein Lavik Larsen  
Contrabaixo Adrian Fiskum Myhr Bateria Jan Martin Gismervik

Ter 3 de Outubro  
21h30 · Pequeno Auditório · Duração: 1h · M6

### O tamanho da luta dentro de um cão

Na área da música improvisada as tendências existentes são facilmente identificáveis: ou há uma referência idiomática relativamente ao jazz e por vezes, até, ao rock ou a matriz está na música erudita e na experimental, isto quando os recursos utilizados não provêm de todas essas correntes em simultâneo. Quando assim não acontece, a fuga aos parâmetros de todos os géneros faz-se por meio de elementos formais e tipos de abordagem que, também eles, definem um idioma musical. No meio disto surgem, porém, grupos que dificilmente podemos categorizar. Um destes poucos dá pelo nome de Oker e vem da Noruega, onde o dito significa “Ocre”. Se fosse uma palavra holandesa, seria traduzível por “Errado”, o que neste caso até seria pertinente, pois o quarteto mantém características que nos levam a situá-lo nesse âmbito, não obstante tudo o mais escapar àquilo que se espera do rótulo *free improv*.

Fredrik Rasten, o guitarrista do coletivo e seu porta-voz, explica a situação deste modo: «Há hoje a tendência, no meu país e não só, para se ser infiel ao estilo musical de que partimos, ainda que as molduras deste continuem presentes. Aliás, as diferentes cenas da Noruega estão cada vez mais a misturar-se e as fronteiras entre as músicas vão-se esbatendo. No nosso caso, continuamos a aplicar a estrutura não-hierárquica de banda da pop e do jazz. Lidar ainda com esses parâmetros é positivo, pois ligam-nos à história e servem como casas seguras a que

podemos voltar sempre que nos distanciamos. Não encaramos a improvisação como um dogma, mas porque estamos habituados a improvisar é esse o nosso ponto de partida, é essa a metodologia que escolhemos como a dominante.»

A própria maneira de estar de Rasten na música é esclarecedora: este improvisador que também compõe, e que improvisa como um compositor, tem as suas raízes na música antiga, com predileção pela do renascentista John Dowland, e na *folk* britânica, em especial a praticada por figuras como Bert Jansch e Anne Briggs.

É por tal motivo que as conexões jazzísticas da improvisação dos Oker nunca desaparecem por completo. Os motivos rítmicos introduzidos por Adrian Myhr, o contrabaixista, mantêm essa ponte, sendo fundamentais para a caracterização do estilo único do grupo. «O Adrian fornece um contraste à nossa música. Gostamos particularmente que elementos mais convencionais se combinem com os abstratos», explica Rasten. Esta “abstração” decorre de uma particularidade: a preocupação prioritária pelo som. É todo um repensamento do formato acústico que esta formação do Norte da Europa está a colocar em prática, o que tem passado ora por uma redução das ferramentas que utiliza, ora pela ultrapassagem das capacidades físicas naturais dos instrumentos.

«Tentamos colocar algumas limitações ao que fazemos. Quando as possibilidades são mais amplas, obtemos um maior nível de liberdade porque temos uma maior paleta de sons, mas quando nos impomos alguns limites desenvolve-

-se mais a nossa imaginação relativamente ao que podemos fazer com os poucos meios escolhidos. Uma pedra a raspar numa corda faz toda a diferença: só se pode compreender por inteiro aquilo que se ouve tendo em conta os materiais que estão em causa, ou seja, reconhecendo os objetos que temos diante de nós. Se o baterista Jan Martin utiliza apenas uma tarola, isso dá-nos um foco. Sabemos antecipadamente que não vamos ouvir o *splash* de um prato, o que determina bastante a maneira como ouvimos e, logo, como tocamos», acrescenta Fredrik Rasten.

A utilização de técnicas extensivas e de preparações tornou-se comum na música improvisada, e também os Oker não fogem a essa regra. São, inclusive, generosos na gestão desses recursos, mas enquanto os desmistificam e colocam ao serviço da música: «Enveredamos muito por experiências pessoais, sim, mas tanto quanto seguimos técnicas mais idiomáticas. Não se trata de escolher entre umas e outras, mas de procurar vias de expressão que nos inspirem e que nos permitam encontrar uma identidade própria. As técnicas extensivas têm um problema: exigem um trabalho maior do que o próprio som produzido por elas. Podem ser entendidas como algo de impressionante, mesmo que não sejam musicalmente proveitosas. Tentamos não cair nessa armadilha. Enquanto guitarrista, o meu interesse maior no momento vai para os resultados timbrais e de ressonância que se conseguem quando se altera a intonação. Ora, ao trabalharmos com notas longas,

tentamos que estas tenham alguma flexibilidade, e o certo é que tanto as técnicas extensivas como as tradicionais servem para tocar sustentados.»

Também as preparações «de pouco valem por si mesmas». «Uma música pode soar a algo de novo e fresco mesmo que os seus executantes toquem de modo “normal”. De resto, hoje é difícil distinguir o que é tradicional ou não. As técnicas extensivas e as preparações tornaram-se numa convenção da música improvisada tanto quanto o são o vibrato na música clássica ou as cascadas de duplos bombos no metal», argumenta Rasten. Além disso, o que se vai criando com umas e outras tem como farol as sonoridades da música eletrónica, o que contraria qualquer conceito que privilegie o fator acústico: «É uma conotação de sentido – um trompete “extensivo” soa eletrónico porque o outro paradigma de som existente é o eletrónico, assim como um sintetizador que procura parecer-se com um instrumento acústico o faz de forma inversa. Passa-se de uma “normalidade” para outra. Um som não é apenas um som, toda a informação que transporta consigo define a maneira como é percebido.»

A «experienciação física dos fenómenos acústicos» é central em toda a atividade de Fredrik Rasten, refletindo-se na generalidade dos seus projetos e dos combos em que participa. A terminologia por este aplicada é a científica, mas é Arte, não Física Acústica, que está em questão. «Não, os Oker não têm um entendimento científico do som. Apenas queremos convidar quem nos ouve a dar

atenção a esse aspeto. Se tocamos um intervalo com um determinado timbre e um volume específico, resultam tons distintos e fenómenos psico-acústicos ou outros. O que pretendemos é que o ouvinte, mesmo nada sabendo da ciência que está por detrás, ganhe consciência disso e detete esses pormenores durante a escuta», diz.

Com este mesmo programa, antes dos Oker, havia Pip, o duo de Rasten com o trompetista Torstein Larsen. A relação entre os dois projetos é estreita: «O Torstein foi o último membro da banda a entrar. Adrian, Jan e eu tínhamos realizado algumas *jams* e pusemo-nos a pensar sobre quem poderia ser o melhor quarto elemento. Sugeri o Torstein porque já tocávamos juntos há sete anos e achei que ele encaixaria bem. O relacionamento com a música dos Pip veio por acréscimo. Por vezes utilizamos o material do duo com sons muito esticados, tornando-o numa parte da fórmula Oker. Já em outras ocasiões evitamo-los intencionalmente. Aliás, os Oker funcionam muito como um duplo duo, dois duos a atuarem em conjunto, e não apenas segundo a divisão trompete /guitarra *versus* contrabaixo /bateria. O Jan e o Torstein estabeleceram umas bases em que os seus instrumentos se fundem e podemos unir os registos baixos da guitarra com o contrabaixo. São várias as constelações possíveis, tocando uns com, e contra, os outros de maneiras diferentes.»

Diferentes como? Bom, os Oker são umas vezes “orgânicos”, outras “atmosféricas” e em outras circunstâncias ainda podem desdobrar-se em “gestos

aéreos”, com combinações igualmente variáveis desses parâmetros. Estas são designações assumidas pelos próprios, surgindo amiúde na promoção dos seus discos. «Sabemos que o adjetivo “orgânico” está a tornar-se trivial, de tão abusado. Ainda assim, para nós funciona como uma metáfora, sugerindo que a nossa música se desenvolve de uma forma semelhante aos (ou inspirada pelos) processos da vida orgânica na natureza. É uma palavra útil devido à sua abertura e por não constituir um termo musical técnico, permitindo um grande espectro de associações. O termo “atmosférico” refere, por sua vez, os sons suspensivos que utilizamos e “gestos aéreos” vai para os eventos mais curtos. Estes planos podem ocorrer em simultâneo, quando os tocamos individualmente, ou podem surgir à vez, se todo o coletivo se juntar», explica Fredrik Rasten.

Eis, então, um grupo de música improvisada estranho à generalidade das propostas que provêm deste circuito e com todo o seu encanto a residir, precisamente, nessa particularidade. Um grupo que nos faz lembrar esta frase atribuída a um antigo presidente dos Estados Unidos, Dwight Eisenhower, a propósito de parecer não sendo e ser não parecendo e do bom que é um erro de julgamento: «O que conta não é necessariamente o tamanho de um cão na luta com outros cães, mas o tamanho da luta nesse cão.»

Rui Eduardo Paes  
Ensaísta, crítico de música,  
editor da revista *online jazz.pt*

**Fredrik Rasten**  
guitarra

Figura em rápida ascensão de uma nova vaga de improvisadores, Fredrik Rasten é um dos poucos guitarristas da atualidade que optam por não utilizar a versão elétrica do seu instrumento nas suas muito pessoais explorações dos fenômenos auditivos e de interação tonal. É metade do duo Pip.

**Torstein Larsen**  
trompete

Um explorador de novas técnicas e sonoridades para o trompete, Torstein Larsen tem ganho nome nos domínios da música livremente improvisada e do jazz criativo, com os grupos Torstein Ekspress e Skadedyr ou integrando a dupla Pip.

**Adrian Myhr**  
contrabaixo

Muito mais do que uma esperança do contrabaixo improvisado, Adrian Myhr conquistou já uma projeção internacional, passando esta pela sua parceria com o saxofonista soprano francês Michel Doneda e por formações como Whirl, DaMaNa, Simiskina, Dr. Kay & His Interstellar Tone Scientists e Bansal Band.

**Jan Martin Gismervik**  
bateria

Membro dos grupos Monkey Plot e Platform, um importando elementos do rock e o outro do jazz numa prática idiomática da improvisação, Jan Martin Gismervik é um confirmado valor da nova geração de bateristas desta área musical, sempre preferindo a sutileza e o intimismo no uso das baquetas.

**Próximo espetáculo**

**Piece for Person  
and Ghetto Blaster**  
Peça para Pessoa e Tijolo  
de Nicola Gunn

**Teatro Qui 12, sex 13, sáb 14 de outubro**  
Palco Grande Auditório · 21h30 · Dur. 1h10 · M12



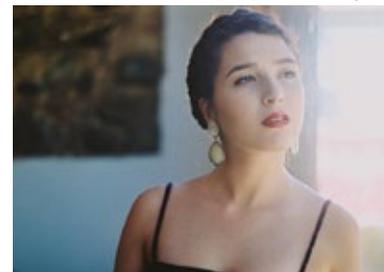
© Gregory Lorenzutti

Uma mulher viu um homem a atirar pedras a uma pata e gritou com ele. O espetáculo a partir desse incidente real desliza entre cadências, ideias e modos performativos para desafiar a maneira como vemos a arte, o mundo, a violência e os outros.

**Próximo espetáculo de música**

**Beatriz Pessoa**  
Ciclo “Jazz +351”  
Comissário: Pedro Costa

**Jazz Sex 17 de novembro**  
Pequeno Auditório · 21h30 · Duração: 1h · M6



© Teresa Queirós

O formato canção não reconhece fronteiras, e quantas mais referências engloba mais rico musicalmente resulta, sendo esse o propósito da cantora. A matéria-prima vem diretamente do jazz mas o embrulho, o tipo de entrega, a comunicabilidade são as da pop.

**Conselho de Administração****Presidente**

Álvaro do Nascimento

**Administradores**

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

**Assessores****Dança**

Gil Mendo

**Teatro**

Francisco Frazão

**Arte Contemporânea**

Delfim Sardo

**Serviço Educativo**

Raquel Ribeiro dos Santos

João Belo

Tiago Cruz (estagiário)

**Direção de Produção**

Margarida Mota

**Produção e Secretariado**

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

**Exposições****Coordenação de Produção**

Mário Valente

**Produção**

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

**Culturgest Porto**

Susana Sameiro

**Comunicação**

Filipe Folhadela Moreira

Bruno Pereira

**Publicações**

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

**Atividades Comerciais**

Catarina Carmona

Patrícia Blázquez

**Serviços Administrativos e Financeiros**

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

**Direção Técnica**

Paulo Prata Ramos

**Direção de Cena e Luzes**

José Rui Silva

**Assistente de Direção Cenotécnica**

José Manuel Rodrigues

**Audiovisuais**

Américo Firmino

(coordenador)

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

**Iluminação de Cena**

Fernando Ricardo (chefe)

Vitor Pinto

**Maquinaria de Cena**

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

**Técnico Auxiliar**

Vasco Branco

**Frente de Casa**

Rute Sousa

**Bilheteira**

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

**Receção**

Sofia Fernandes

**Auxiliar Administrativo**

Nuno Cunha

**Coleção da Caixa Geral de Depósitos**

Isabel Corte-Real

Miguel Caissotti

Lúcia Marques

Maria Manuel Conceição

Jennifer do Coito (estagiária)

Edifício Sede da CGD · Rua Arco do  
Cego nº50, 1000-300 Lisboa  
21 790 51 55 · www.culturgest.pt